

TELEOLOGIA*

TELEOLOGY

Devin Griffiths**
devin.griffiths@usc.edu

[Não seria, afinal, uma má teleologia para tê-la em mente, como uma ficção heurística ou “ideia” kantiana, em meio à nossa ação política A teleologia geralmente envolve a suposição de que existe algum potencial no presente que poderia resultar em um tipo particular de futuro. Mas isto não significa necessariamente que este potencial espreita dentro do presente como pétalas dentro de um botão. Ele está presente no sentido de que eu tenho um potencial para viajar até Glasgow neste momento, que dificilmente é algum tipo de estrutura secreta do meu ser. A teleologia aqui é apenas uma forma de descrever onde estou à luz de onde poderia chegar.¹

Poucas palavras foram tão injuriadas na crítica e teoria literária dos anos oitenta, noventa, e no início do século como “teleologia”. Parece estranho quando você se lembra que teleologia - derivada do mundo grego τέλος, “fim” ou “propósito” - significa simplesmente interpretar as coisas em relação ao seu possível objetivo ou resultado. É difícil imaginar ler um romance sem considerar sua conclusão, ou um soneto sem considerar o que sua volta parece fazer. Como observa Eagleton, não se pode interpretar (muito menos formular) políticas sem abordar a questão do propósito, os fins desejados, bem como os meios pelos quais esses fins podem ser alcançados. Em nosso momento atual, enquanto nos debatemos com o problema

* [N.T. JTS] O presente artigo é uma tradução autorizada em função da primeira publicação do artigo original, a saber: Griffiths, Devin. Teleology. *Victorian Literature and Culture*, Volume 46, Issue 3-4, Fall/Winter 2018, pp. 905 – 909 DOI: <https://doi.org/10.1017/S1060150318001158>. As citações ao longo do artigo foram traduzidas pela JTS, mas as referências constam aqui no mesmo formato e estilo do original.

** Devin Griffiths é professor associado da Universidade do Sul da Califórnia, e autor de [The Age of Analogy: Science and Literature Between the Darwins](#), e [The Ecology of Power](#), um próximo estudo de formalismo e teoria ecológica.

¹ Terry Eagleton, *The Illusions of Postmodernism* (Oxford, Reino Unido: Blackwell Publishers, 1996), 108.

da mudança climática e da ação coletiva, enquanto lutamos para descobrir para qual mundo estamos nos dirigindo, a questão dos fins nunca foi sentida como tão importante.

Eagleton é aqui inconscientemente sensível à importância da teleologia na história do pensamento sobre sistemas vivos. Isto foi especialmente verdade no longo século XIX, quando gerações de escritores, cientistas e pensadores lutaram para explicar como coisas como “pétalas” se formam a partir de coisas como “botões”. Kant foi extremamente importante para fazer do propósito uma questão central da filosofia e da estética naturais. Os propósitos naturais, argumentou ele, eram impossíveis de discernir, dada a incerteza do conhecimento natural, e nossa incerteza em um autor divino. No entanto, os organismos são definidos pela integração de suas partes orgânicas - tanto a forma como os diferentes órgãos cumprem funções diferentes, quanto a interdependência mútua dos órgãos e do corpo. Isto significava, segundo Kant, que o estudo dos sistemas vivos exigia uma presunção de que partes específicas desses sistemas alcançam fins que ajudam o todo. Esta “finalidade” governa o estudo dos corpos orgânicos, no relato de Kant, mas também governa as obras de arte, na medida em que elas conseguem uma integração análoga de elementos num efeito maior. Estendendo-se à análise de como as sociedades se desenvolvem e operam (como Hegel e Marx foram rápidos a fazer), a análise da finalidade tornou-se um modo dominante de pensar sobre os coletivos naturais, artísticos e sociais. Foi também central para o vocabulário da crítica vitoriana, que enfatizava a adequação da trama e a adequação do caráter (colocando o “bem” no recente estudo de Jesse Rosenthal, *Good Form*)².

A filosofia kantiana da finalidade baseou-se nas preocupações de longa data da teologia natural, que estudou o lugar do design piedoso na natureza. O século XIX, entretanto, testemunhou uma crise na noção de design natural, já que materialistas como Thomas Henry Huxley trabalharam para expurgar questões de propósito do estudo da natureza. As histórias posteriores do período geralmente endossaram o argumento de Huxley de como Charles Darwin explicou os propósitos naturais, como figuravam as adaptações, descrevendo-os como o fruto de eventos fortuitos. No entanto, a teoria de Darwin sobre a seleção natural de fato exigia pensar sobre o propósito: para imaginar a história natural de uma determinada

² Jesse Rosenthal, *Good Form: The Ethical Experience of the Victorian Novel* (Princeton: Princeton University Press, 2017)

adaptação, era preciso adivinhar o que essa adaptação faz, e depois explicar como esse propósito poderia ter se desenvolvido através de mudanças graduais em comportamentos ou estruturas específicas.

Mesmo que tenha sido posta à margem da intervenção e do projeto divino, a seleção natural exigiu a colocação *do* que a seleção seleciona - seja a velocidade do lobo (que ajuda a capturar sua presa) ou a doçura do néctar da flor (que atrai insetos polinizadores), para pegar dois dos primeiros exemplos dados em *A Origem das Espécies*. Abandonar a concepção de uma mão divina ao volante e, com ela, a possibilidade de certeza teleológica, só exacerbou o problema de explicar como as coisas vieram a fazer o que fazem.

A seleção natural fundiu a questão dos fins aos métodos da história natural e, com ela, formulou uma noção de propósito mais suave e flexível para o estudo dos sistemas sociais e naturais. Isto não significa que o programa de seleção natural tenha sido mal concebido, ou marcado por um compromisso metafísico críptico. Uma teleologia suave é central para qualquer estudo de sistemas naturais ou sociais no tempo. Todos os estudos de *estrutura*, sejam morfológicos ou sociais, levantam o problema do *propósito*; todas as questões de *forma* implicam em questões de *função*; todas as questões de *transformação* exigem uma preocupação com *os fins*. A teleologia, entendida nos termos de Eagleton como a questão do “potencial no presente”, assim como no passado, nos permite imaginar a mudança e estudar seus fins.

Adaptada como uma hermenêutica aberta, a teleologia trata de explorar possíveis fins, não a fé em um resultado singular. Para enfatizar a importância do pensamento teleológico para os estudos contemporâneos, eu poderia apontar para a importância do “*affordance* [reconhecimento]” no formalismo de Caroline Levine, ou para o papel da “antecipação” na recente recontagem da teoria do trauma por Paul St. Amour, ou para a crescente importância da utopia e da ficção científica como gêneros da política climática³. Em vez disso, porém,

³ Caroline Levine, *Forms: Whole, Rhythm, Hierarchy, Network* (Princeton: Princeton University Press, 2015); Paul K. Saint-Amour, *Tense Future: Modernism, Total War, Encyclopedic Form* (Oxford: Oxford University Press, 2015). Fredric Jameson argumentou que não podemos imaginar um mundo melhor, e que a ficção científica enfrenta a impossibilidade de imaginar o futuro em *Archaeologies of the Future: The Desire Called Utopia and Other Science Fictions* (New York: Verso, 2005). A isto, Kim Stanley Robinson responde: “Podemos imaginar a utopia; é fácil como uma torta” - é imaginar como chegar lá que é o dilema - mas “chegamos a um momento de utopia ou

gostaria de apontar o significado da teleologia para os vários argumentos sobre as práticas de leitura - suspeitas versus reparadoras, profundidade versus superficialidade - que se estenderam através da literatura crítica das duas últimas décadas. Estas discussões colocam uma ênfase extraordinária no potencial ético da crítica literária e, ao fazer isso, eles vêm à tona o problema do propósito da literatura e da crítica.

Esta virada para o propósito tem um sabor intrinsecamente teleológico sobre ela. Além de sua inesquecível referência a Carly Simon, a discussão fundamental para esta linha de pensamento - o ensaio de Eve Sedgwick de 1997, "Paranoid Reading and Reparative Reading; or, You're So Paranoid, You Probably Think This Introduction is about You" - enraizou o problema do propósito na virada reparadora. Ela começa com uma discussão entre Sedgwick e a socióloga Cindy Patton sobre as teorias conspiratórias que giram em torno da epidemia de AIDS. Perguntado se ela acreditava em rumores de que a doença foi engendrada pelo governo americano para atacar comunidades negras e gays, Patton disse que era inútil estudar a questão, pois ela só podia confirmar suposições sobre a violência estrutural do estado moderno. Como Patton disse, "O que saberíamos então que ainda não sabemos"?⁴ Isto marcou uma dura afirmação teleológica sobre o propósito do governo, e da AIDS, mas também do conhecimento. Para Sedgwick, esta conversa foi uma revelação: "Suponho que isto deveria parecer uma epifania pouco marcante: que o conhecimento *faz* e não simplesmente *é*"⁵. A reorientação de Sedgwick amplia a questão dos questões de fato para incluir questões de preocupação. Ao perguntar não simplesmente se X é verdade, mas também o que X faria, Sedgwick exumou um interesse compartilhado no propósito e uma crença consensual nos fins sociais dos fatos. Todas as pesquisas são realizadas na crença de que a resposta servirá a um fim maior, e muitas vezes com uma resposta em mente. As suposições sobre o resultado e o propósito são condições da investigação.

catástrofe; não há meio-termo". ... a utopia não é mais uma boa ideia, mas, ao contrário, uma necessidade de sobrevivência" ("Remarks on Utopia in the Age of Climate Change," *Utopian Studies* 27, no. 1 [2016]: 7, 10).

⁴ Eve Kosofsky Sedgwick, "Paranoid Reading and Reparative Reading, Or, You're So Paranoid, You Probably Think This Introduction Is about You," in *Novel Gazing: Queer Readings in Fiction* (Durham: Duke University Press, 1997), 4.

⁵ Sedgwick, "Paranoid Reading," 4.

Ao revisitar este momento, procuro estender seu impulso reparador, elucidando ao mesmo tempo a forma problemática com que lida com o propósito. Os palpites - seja sobre política ou sobre o que a pesquisa vai encontrar - não devem determinar (mesmo que muitas vezes influenciem) a ocasião e o resultado da própria pesquisa. Confundir um palpite sobre o propósito com certos conhecimentos é apagar a distinção entre teleologia suave e teleologia dura, entre o estudo das possibilidades e a suposição de um fim singular. A resposta de Patton implicava na impossibilidade de se provar o negativo: que o governo *não* engendrou a epidemia de AIDS, ou que isso seria importante. Mas suponho que importa se o governo dos Estados Unidos foi o que projetou o HIV. Mesmo quando Sedgwick posiciona-se contra suspeitas não qualificadas, ela dá apoio qualificado a uma política da suspeita que repercute na esfera pública “pós-verdade” maniacamente suspeita de hoje. Formalmente, embora para fins radicalmente diferentes, a direita americana hoje ecoa este ceticismo da pesquisa básica, com uma diferença importante (entre muitas) sendo sua suspeita de que esta pesquisa (digamos, na ciência climática) irá contradizer, ao invés de confirmar, sua política. Meu ponto-chave é que precisamos de uma relação crítica, mas produtiva, com a teleologia. Rita Felski sugere que a leitura suspeita e a ficção investigativa têm uma distinção real: na primeira, não há nenhum mistério real: já sabemos quem o fez. O estilo paranoico continua vivo, e sabe demais e não o suficiente sobre os resultados⁶.

Se a hermenêutica da suspeita opera dentro de uma teleologia relativamente fechada (presume-se o fim), então as leituras reparadoras trabalham para abrir a teleologia, enfatizando as possibilidades produtivas do encontro crítico. Toda pesquisa - não apenas a pesquisa no modo suspeito - é teleológica: orientada para fins e propósitos. Este é um legado do século XIX, com seu amplo esforço para explicar o emaranhado social e natural na ausência de design. Nossos palpites sobre o propósito e o resultado são essenciais enquanto tentamos descobrir como chegamos aqui, o que está acontecendo e para onde este planeta pode estar se dirigindo. Não seria tão ruim ter isso em mente *que estamos sempre lendo com algo em mente*. A teleologia não significa que estamos presos em uma armadilha; significa apenas que não podemos deixar

⁶ Rita Felski, “Suspicious Minds,” *Poetics Today* 32, no. 2 (2011): 225.

de pensar no futuro. Carly Simon ainda o coloca melhor: Nunca podemos saber sobre os dias que virão, mas pensamos sobre eles de qualquer maneira.

Creative Commons License

This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0).

Received: 19/05/21

Accepted for publication: 24/05/21

Published: 03/06/21
